

## **DINÂMICA DE UMA SALA DE AULA FREINET: VIVÊNCIAS COM AS CRIANÇAS E O USO DOS INSTRUMENTOS**

Vaniza Ghidotti<sup>1</sup>

### **1. Eu, professora: escrever para entender a prática de sala de aula e encontrar soluções**

O que quero apresentar com esse trabalho são experiências vividas enquanto professora que, aliadas a um pensar constante dessa prática, busquei incessantemente, soluções para questões individuais e coletivas que surgiam em cada momento em sala de aula.

Sou professora de crianças há mais de vinte anos. Sempre tive o hábito de escrever mesmo antes de ser professora. Os diários sempre fizeram parte da minha vida. Acho que o meu escrever era para imortalizar o que eu vivia. Era como parar um momento através de um registro, criar uma imagem, uma memória e ter como recorrer a elas quando sentisse saudades.

Cresci e meu diário pessoal tornou-se anotações das situações de sala de aula. Passei a registrar momentos da vida profissional, a interação com as crianças, os trabalhos desenvolvidos, as dificuldades do dia a dia e as reflexões que surgiam com a prática na sala de aula.

Quero olhar para trás, recuperar partes desse registro e refletir sobre a **dinâmica de sala de aula** para avançar nessa minha trajetória. Trajetória essa que foi apoiada na prática e nos fortes sentimentos que uma relação diária trás.

---

<sup>1</sup> Professora de educação infantil e ensino fundamental desde o ano 1986. Desenvolvi meu trabalho em escolas particulares e públicas, incluindo atuação com Educação de Jovens e Adultos (EJA). Escrevi este texto como reflexão ao participar no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada, GEPEC (UNICAMP), no ano de 2006. O trabalho foi apresentado no III Seminário FALA OUTRA ESCOLA, em novembro do mesmo ano (UNICAMP) e no mini curso no ENEP (Encontro Nacional de Educadores na cidade de Paulínia-SP), em 2007.  
Email: vanizaghidotti@yahoo.com.br.

Desde o ano de 1988, trabalho numa escola particular da cidade de Campinas. Escola que se propôs a estudar e praticar a pedagogia Freinet. Já trabalhei com as turmas da educação infantil, passando pelas séries do ensino fundamental e uma turma mista (idade de 2 a 12 anos), o período integral, crianças que ficam o dia todo na escola. Este ano estou trabalhando com uma turma de 3º ano, (antiga 2ª série), idade que me identifico muito.

Busquei sempre conhecer a pedagogia do professor francês Celestin Freinet. Essa busca não era solitária. Vivi na escola um período em que as certezas eram menores que hoje e as tentativas de entender e colocar em prática uma forma de trabalhar que tivesse “a nossa cara” era uma tarefa coletiva. Tentávamos, tomando conhecimento de sua obra e fazendo as tentativas experimentais, que ele propunha.

Freinet também propunha uma auto avaliação constante da prática, numa reflexão das atitudes, dos sucessos e dos insucessos, individuais e coletivos, buscando as soluções, para que superando os problemas, o sucesso, como auto superação, fosse possível de acontecer. Ele propôs como prática constante o ato da escrita, fonte desse pensar e repensar o dia a dia. Isso reforçou em mim que deveria ter a escrita como método de trabalho.

Em alguns momentos escrevi com bastante regularidade e em outras vezes, nem tanto. Me apoiei na escrita como forma de reflexão e busca dos caminhos que me guiasse a cada criança. Passei a registrar os acontecimentos e os conflitos das relações pessoais, os interesses que as crianças traziam através de suas falas fantásticas, as angústias e tristezas ao ver algo pensado não dar certo e expectativas frustradas, as alegrias e emoções pela superação de obstáculos, crescimentos e aprendizagens compartilhadas por todas as crianças da turma, os meus medos e inseguranças pela escolha de um caminho acreditando ser o certo e se deparar com o incerto e muitas vezes cometer os mesmos erros, querendo acertar. Minha relação com as crianças sempre teve uma carga emocional imensa. O escrever para mim também passou a servir como um distanciamento do vivido que possibilitasse um olhar, talvez, menos apaixonado e mais objetivo, numa busca de soluções para tornar a sala dinâmica, dentro do contexto apresentado em cada momento.

Nesse caminhar de fazer-me professora a busca também foi constante em entender e colocar em prática instrumentos pensados e criados por Freinet como forma de implementar uma pedagogia humanizada, uma pedagogia do trabalho, uma pedagogia com uma outra relação professor-aluno. O desafio era o de não transformar a sala de aula em um lugar de aplicar técnicas e sim manter a pulsação viva do querer fazer e manter uma relação de afeto com os alunos.

Nessa prática humanizada o foco passa a ser as necessidades e interesses das crianças, deixando de lado o local reservado ao professor, o conhecedor, para assumir um papel de cúmplice nas aspirações de conhecimento de cada um. Partir dos interesses das crianças transforma a relação professor-aluno e a relação aluno-aluno, a dinâmica de sala de aula e a idéia de disciplina, o processo de aquisição e produção de conhecimento e traz a valorização do indivíduo, a autoestima e o autoconhecimento. Esse era o “clima” que eu queria para a sala de aula.

O meu desafio agora é olhar para esse caminho já percorrido, organizar essas reflexões feitas ao longo do tempo juntando novos conhecimentos. Nesse processo de buscar o conhecimento tive contato com escritores e teorias que me ajudaram a entender a complexidade do mundo e me ajudaram a me localizar no mundo, tentando esclarecer, pra mim mesma, qual é o meu papel nessa minha existência. Meu ideal de mundo, que justifica a escolha da minha atuação pela pedagogia Freinet, que relato a seguir.

## **2. Pensando em educação**

Penso nos desafios da minha profissão, penso na minha inserção no mundo, penso na minha atuação profissional. Tornei-me professora há mais de vinte anos e desde então tenho tentado ser coerente, fazendo pontes entre o meu pensar e o meu atuar.

Penso e tento atuar uma educação humanizada, para humanizar e humanizar-me. Vejo que ainda hoje nas escolas a relação professor-aluno-conhecimento é uma pista de mão única: só o professor ensina, só o aluno aprende só o professor sabe e determina o que ensinar e só o aluno não sabe e passivamente repete e reproduz o que lhe é exigido. Não é dessa forma que entendo a relação com o conhecimento e com meus alunos, crianças em sua grande maioria.

Acredito que nada será feito se não houver uma transformação das relações, e aqui, da relação professor-aluno. Acredito numa educação da confiança, uma educação do estímulo ao trabalho formador e uma educação que pense nas diversas e diferentes formas de promover o sucesso em todos e em cada uma das pessoas que estiverem no grupo e além dele.

Nesse tempo em que venho me fazendo professora, assumi como compromisso estudar e trabalhar com crianças com os princípios da Pedagogia Freinet. Compartilho com os ideais educacionais pensados por esse educador francês, Celestin Freinet.

### **3. Por que Freinet?**

Iniciando meu trabalho de professora, em 1988 tomei contato com a forma de trabalhar de Celestin Freinet. O encantamento com a forma participativa da equipe de trabalho me conquistou e me convenci que essa era a maneira que eu queria trabalhar: uma construção coletiva de conhecimentos entre os profissionais e coerentemente uma construção coletiva de conhecimentos com os alunos.

Conheci a roda de conversa, os ateliês e o livro da vida. Com esses instrumentos foi possível garantir a livre expressão, as escolhas pessoais e o registro coletivo dos conhecimentos e adquiridos. Procurei conhecer a trajetória da construção desse movimento pedagógico, o que reforçou ainda mais a certeza de que era dessa forma que eu queria trabalhar.

O francês Freinet inicia sua prática como professor primário numa escola de meninos em Bar-sur-Loup na década de 20. Sua alma inquieta, seu olhar atento aos alunos, fez com que ele buscasse, em primeiro lugar, mudar a organização da sala de aula, a relação professor-aluno, a disciplina e a forma de trabalho vigente na época. Freinet acreditava na valorização das pessoas, defendia o direito de cada um, objetivava a formação integral do ser e acreditava na construção de uma sociedade igualitária e justa. Acreditava que as pessoas, trabalhando cooperativamente desenvolveriam uma prática cidadã num agir cooperativo favorecendo toda a sociedade. O início de toda essa postura vem da sua experiência na primeira guerra. O horror de viver o escândalo da destruição humana levou-o a pensar no HOMEM e desejar uma educação social.

Na sala de aula a primeira inovação foi a LIVRE EXPRESSÃO. Freinet experimentou com seus alunos a liberdade do falar. Fazer isso trouxe o material necessário para conhecer a “personalidade e a alma de cada um”, como ele dizia. Essa busca de aproximar-se dos alunos trouxe-lhe a percepção de que o que eles queriam eram as cores, os animais, a vida que havia fora da sala de aula. Ele foi buscar essa vida que movia os alunos e inova mais uma vez com a AULA PASSEIO. A aquisição de conhecimento deixa de ser algo mecânico, impessoal e apassivador para ser criativo e participativo. A valorização do vivido traz a necessidade de registrar as descobertas feitas e com a ação de escrever o conhecimento adquirido de forma participativa surge o TEXTO LIVRE.

As vivências de sala de aula eram sempre compartilhadas num debate de idéias entre os alunos. As decisões eram acolhidas criando assim um dinamismo participativo na sala de aula e causando uma transformação nas personalidades, na concepção de trabalho, na interação social e na visão de sociedade. O JORNAL ESCOLAR e a CORRESPONDÊNCIA aparecem com a necessidade de comunicar essas descobertas. A comunidade recebia os jornais feitos pelos alunos.

Freinet inicia uma correspondência entre a sua sala de aula e a sala de um amigo professor do norte da França. Ao receber uma carta resposta desse professor, Freinet declara: “Não estamos mais sozinhos” e então as idéias dessa pedagogia começam a ser divulgadas em revistas e em encontros de professores.

Freinet não trabalhava de forma isolada. Buscava conhecer as idéias vigentes em sua época. De Cousinet buscou o conhecimento para aprimorar as atividades em grupo. Em Decroly encontrou os “centros de interesses”, transformando-o em “complexo de interesses”. Decroly, com seu centro de interesse partia da necessidade das crianças privilegiando a aquisição intelectual e Freinet, com seu complexo de interesse privilegiava o trabalho. Essa diferença foi fundamental para garantir a coerência de uma “pedagogia essencialmente prática e cooperativa” que essa nova postura propunha.

Freinet trouxe para mim uma possibilidade buscar caminhos para uma atuação consciente e comprometida com um ideal de construção de um mundo diferente. Relato, a seguir, minhas experiências, conhecimentos e sentimentos em relação a essa pedagogia.

#### 4. Vivências com as crianças e o uso dos instrumentos

“Sob cada olhar uma alma. Como encontrar o caminho que me leva até eles? Será que serei capaz de lhes dar sede? Sede de conhecimento e de vida. E depois? Será que serei capaz de saciar essa sede?” Celestin Freinet – Filme Cabulando aula.

A pedagogia Freinet foi construída através da avaliação de situações práticas e do pensar soluções para problemas que surgiam na sala de aula desse professor primário francês.

Freinet queria construir um ambiente de sala de aula em que coubessem todos os alunos, acolhendo todas as inquietações das crianças, tão diferentes umas das outras. Era preciso pensar em uma dinâmica diferente da existente na época, início do século XX. O objetivo era garantir para todos os alunos a igualdade de direitos, respeitando as diferenças de personalidades e interesses individuais. Ele acreditava que só se aprende verdadeiramente aquilo que realmente faz parte dos desejos, curiosidades e interesses.

A insatisfação com a realidade escolar inquietava o jovem professor primário francês. Impulsionado pela intensa energia que as crianças apresentavam fora da sala de aula, energia essa deixada lá fora ao entrarem na escola. Celestin Freinet passou a buscar e construir um novo caminho. Caminho não menos inquietante para ele, mas com certeza lhe trouxe satisfações e esperanças. O objetivo passou a ser trazer para a escola a vida que as crianças apresentavam nas suas brincadeiras livres e espontâneas. Buscando conhecer verdadeiramente seus alunos, seus sucessos e fracassos, seus medos e suas coragens, facilidades e dificuldades, incertezas e certezas, o que os calavam e o que os encorajavam, Freinet passou a observar a todos e a cada um com o mesmo respeito e interesse. Esse olhar atento à personalidade e a natureza da criança conduzem o dia-a-dia de aula que adota a pedagogia Freinet. São as crianças que nos dão indícios de quais fontes querem beber.

Esse passou a ser o ideal na minha ação. Chegar à escola e acolher a todos, perceber aquele que está mais eufórico e por isso mesmo precisa ser ouvido depressa, perceber aquele que traz alguma tristeza e por algum motivo se encolhe num cantinho para não ser visto. Antes mesmo de a primeira

atividade acontecer nossos olhos sensíveis pode captar as inquietações das crianças e traçar atitudes com cada um daqueles que estaremos convivendo durante uma manhã inteira. Uma conversa ao pé do ouvido, uma palavra adequada na hora certa pode fazer toda diferença. Conversar com confiança expondo sentimentos, interesse pela criança, idéias e conhecimentos, onde a criança também tem voz, faz parte do processo de construção das relações entre professor-aluno e aluno-aluno. É a livre expressão, o falar de nós, a nosso favor e reconhecer-se enquanto indivíduo pertencente a um grupo acolhedor de nossas dores e de nossas conquistas.

## 5. Os instrumentos

Para por em prática essas idéias, Freinet desenvolve instrumentos pedagógicos fundamentais que, aliados a uma nova postura do professor, são as garantias dessa pedagogia. Os instrumentos são: roda de conversa, livro da vida, plano de trabalho, ateliês, texto livre, jornal escolar e álbuns, jornal de parede e correspondência. Os instrumentos dessa pedagogia surgem para garantir uma nova dinâmica. Apresento um relato do uso de cada um dos instrumentos juntamente com exemplos de vivências com seus usos com diferentes turmas que acompanhei. É prudente dizer que Freinet não pensou em instrumentos fechados, que possam ser seguidos como receitas. A vida que ele propõe, está justamente na adaptação que cada professora, junto com seu grupo de alunos, faz desses instrumentos, dependendo das necessidades que cada grupo tiver.

### 5.1 A roda de conversa: tudo cabe numa roda de conversa

A gente se cala assim, com o coração palpitando quando bate à porta de alguém desconhecido intimidante. Mas quando volta à casa materna, entra alegremente, com o espírito e a boca cheios de confidências, que a gente se apressa a fazer, ou de perguntas que anseia por fazer. Queremos que a nossa escola seja a casa familiar em que o coração se abre e os pensamentos se externam. (FREINET, 1967, p 76).

A roda de conversa é a primeira atividade do dia dentro de uma sala de aula Freinet. As crianças chegam e quando a rotina já está estabelecida, elas se organizam pegando o livro da vida. O livro da vida é um dos instrumentos usados na pedagogia Freinet. É um caderno em que são feitas anotações coletivamente

das vivências, experiências e conhecimentos desenvolvidos pelas turmas. Sentando no chão, em círculo, as conversas aconteçam. Tudo cabe numa roda de conversa: falar de si, da família, contar “causos”, contar experiências vividas, a que chamamos de novidade. Podemos realizar leituras de: livros escolhidos pelo grupo, trazido pela professora, trazido pelos alunos, poesias, textos livres e jornais. Podemos cantar brincar, contar piadas, desafiar um trava língua. Podemos fazer propostas de pesquisas, aulas passeios, de filmes, de ateliês. Podemos contar nossas descobertas e aprendizagens. Podemos trazer um problema de relacionamento acontecido na turma, uma palavra dita assim..., meio atravessada e que deixou mágoas, afinal é conversando que a gente se entende, não é? E na roda as conversando as soluções aparecem.

As rodas têm várias formas de acontecer. A característica que a roda assume é definida pelo grupo de alunos junto com a professora. Depende das necessidades que cada turma apresenta. A roda é dinâmica. Não é o grupo que se adapta ao instrumento roda e sim temos a roda de conversa para ser utilizada com a cara que o grupo tem. Freinet diz: “de fato é preciso evitar a qualquer preço sistematizar, academicizar essas relações” (FREINET, 1967, p. 34).

Mas nem tudo são flores e nada acontece espontaneamente e nem por acaso. Para que as flores nasçam é preciso plantá-las e cultivá-las insistentemente e carinhosamente. Para que esse instrumento funcione é preciso que seja construída pelo grupo a noção de democracia, dos direitos e deveres, é preciso perceber que só é possível haver conversa se houver alguém que fala e se houver alguém que ouve. Conversando sobre essas necessidades surgem as regras da roda de conversa e assim nascem flores e frutos, com a possibilidade de todos falarem e com a possibilidade de todos serem ouvidos. “Que o coração se abra e os pensamentos se externam” (FREINET, 1967, p. 76).

No ano de 2004, trabalhando com uma turma de 2ª série, a nossa roda de conversa teve, desde o início, o caráter de contar novidades. Todos os dias, quase todas as crianças contavam suas vivências com a família ou outras experiências que tinham acontecido fora da escola. Essa insistência mostrou para mim, por um período de tempo, que as crianças queriam trazer para dentro da escola o que eram e faziam fora e longe desse espaço. Atividades foram organizadas para dar nova forma e um aprofundamento a essa necessidade.

Textos livres foram escritos lidos e digitados. Foi montado um jornal para uma divulgação ampla do que foi feito. Mesmo assim nossas rodas não assumiam uma outra forma de acontecer.

Um dia, porém, uma aluna levou para a sala de aula um livro de poesias e pediu para ler. Essa leitura foi feita na nossa roda. Imediatamente após a leitura uma outra aluna levantou a mão e disse que também tinha livro de poesia em sua casa e que também gostaria de ler para a turma. Iniciamos então uma conversa para esclarecer se poderíamos e se deveríamos usar a roda de conversa para esse tipo de atividade. Alguns alegavam que ler poesias todos os dias iria tornar nossa roda muito longa e não daria tempo de contar as novidades, outros começaram a falar que já estavam cansados de ouvir novidades todos os dias. Outros estranharam essa colocação, para eles a roda tinha como principal função falar somente de si. Ampliamos essa conversa e durante vários dias o assunto de roda foi a própria roda de conversa. No final dessa intensa discussão ficou claro que éramos nós quem definíamos o que queríamos fazer nesse momento e resolvemos mudar. Montamos um calendário semanal definindo o que faríamos em cada dia da semana e então ficou assim: nas segundas-feiras mantivemos as novidades, tão importantes para o grupo; nas terças-feiras nossa roda passou a ter um nome: quatro porções de poesia, onde foi incluída a leitura de quatro poesias em cada semana; quartas-feiras roda de leitura de texto livre, “um texto livre é, como a sua designação indica, um texto que a criança escreve livremente, quando tem desejo de o fazer, em conformidade com o tema que o inspira” (FREINET, 1975, p. 60), quintas-feiras definimos que conversaríamos sobre temas variados e sextas-feiras escolhemos fazer leituras coletivas de histórias de diversos autores.

Nossas rodas tornaram-se muito mais diversificadas. Passamos a aproveitar com diferentes temas e atividades esse momento de encontro. Foi conversando, cada um expondo suas idéias e confrontando-as com os amigos, que pudemos chegar a essa nova forma de trabalho que muito agradou a todos. A roda de conversa é um dos instrumentos que favorecem a livre expressão.

## **5.2 Livro da vida: nossa história sendo contada coletivamente**

Tenho utilizado esse instrumento de diversas formas ao longo do tempo. Sempre com a idéia de registrar os acontecimentos e aprendizagens coletivas.

O livro da vida já se apresentou em folhas soltas, coladas na parede, um grande livro que ficava apoiado em cavaletes. Procurando a melhor forma para a sua utilização, hoje é um grande livro espiralado inteirinho branco no início do ano, pronto para ser utilizado pelas crianças e pelos adultos. Todas as turmas fazem uso desse instrumento, de infantil a 8ª série. Hoje em dia é assim, e assim ele corresponde às nossas expectativas e cumpre o seu papel. Quem sabe os que virão enxerguem um outro jeito de fazer e de registrar as suas histórias!

O ato da escrita passa a compor a rotina de nossas salas de aula com o uso e com a função que a escrita tem: registrar, organizar, perpetuar o vivido. Levado para a roda de conversa, as crianças ou a professora fazem registros de conversas, pesquisas, combinados ou rotina da turma. Usamos também muitos desenhos para ilustrar o que de fato é a expressão da turma.

É comum recorremos ao livro da vida para relembrarmos combinados de regras ou organização do trabalho. É comum as crianças dizerem: “Vamos olhar no livro da vida, para lembrar o que combinamos! ”.

Ao terminar o ano, os livros da vida, são levados para a biblioteca da escola e passam a compor o acervo de livros. Eles são bastante procurados pelos alunos. Com muita alegria e admiração relembram suas histórias. Recentemente, acompanhei um aluno que hoje cursa a 4ª série até a biblioteca. Ele encontrou o livro da vida de sua turma de 1ª série. Começou a olhar tudo atentamente e quase não fazia comentários. Ao final ele falou:

*“Nesse livro da vida quase não tem trabalhos meus. Eu ficava muito fora de sala, eu preferia ficar fora. Agora eu estou diferente, no meu livro da 4ª série tem bastante trabalhos meus também, coisas que eu escrevi e desenhei”.*

Esse aluno teve a oportunidade, vendo sua história que está registrada, de avaliar-se e perceber-se diferente, perceber seus progressos e sucessos. Percebi nele, naquele momento, a esperança para continuar construindo-se.

### **5.3 Plano de trabalho: um instrumento de organização e avaliação**

“Mas a mãe, mais diplomática, e menos rigidamente autoritária, vai, no decorrer de uma espécie de conselho familiar, repartir as tarefas, casando os gostos de cada um com as necessidades da força comum. Cada um saberá o que deverá fazer no dia seguinte, e o que deverá fazer é o trabalho que mais aprecia, que escolheu, ou, pelo menos, cuja necessidade compreende. Aplicar-se-á, pois

a cumprir bem essa tarefa. É essa prática que vai ser requerida pela riqueza de nosso material e pela diversidade das atividades que ele possibilita. O educador não vai mais se contentar com ordenar tudo, hora após hora, por iniciativa própria. Estabelecerá o plano de trabalho em colaboração com as crianças” (FREINET, 1967, p. 44).

Planejar as atividades pressupõe conhecer as potencialidades a serem desenvolvidas, as dificuldades a serem trabalhadas e a liberdade de escolha de cada um do grupo.

PLANO DE TRABALHO		seg	ter	qua	qui	sex	Sou responsável
Escrita	Texto Livro						Avaliação (Aluno)
	Canta						
	Ficha de Português						
	No computador						
	Jogo						
	Interpretação de texto						
Leitura	Correção de texto						Professora
	Livro, Jornal ou Revista						
	Biblioteca						
Matemática	Leitura em Voz Alta						Pais
	Ficha						
	Jogo						
	Cartela Auto Corretivo						
	Problemas						
Outros	Operações						
	No computador						
	LOGO						
	Pesquisa						
	Desenho						
	Fabricação						
Meta:	Artes						
	Livro da Vida						

Esse é o quadro do Plano de Trabalho que as turmas de 2ª a 4ª série usam atualmente. As turmas da educação infantil e 1ª série usam um plano de trabalho diferente deste. Todos os alunos das séries iniciais do ensino fundamental possuem esse quadro em suas agendas.

As crianças fazem as escolhas das atividades que realizarão, ajudados pelas conversas de roda e pela professora, para organizarem-se. Registram suas escolhas no plano de trabalho. Esse registro é feito diariamente, mas algumas turmas conseguem fazer essa organização para uma semana. A criança é orientada a escolher atividades de todas as áreas lembrando-se

também de trabalhos que precisam ser terminados e ainda aqueles que ofereceram uma dificuldade maior e precisam de mais tempo de dedicação. A isso chamamos de meta.

Em uma sala de aula Freinet as crianças realizam atividades diferentes umas das outras. Elas têm a autonomia de iniciar um novo trabalho sem precisar esperar que a professora lhes aponte o que devem fazer. Eles se apóiam nas escolhas feitas anteriormente e recorrem ao plano de trabalho para verificar o que foi planejado. No dia-a-dia o plano de trabalho é um apoio para a criança em sua organização.

Esse instrumento, na prática, é utilizado pela crença que temos na diferença existente entre as pessoas. Não queremos uma sala de aula homogênea onde apenas aqueles que se adaptarem a uma única estrutura de escola, que já está dada e que os alunos não participam das decisões, tenham a oportunidade de experimentar o sucesso, enquanto aos outros seja reservado o fracasso. Queremos uma escola para todos. Considerar a todos pressupõe trabalhar a diversidade. Então precisamos de uma sala de aula também diversa, onde haja espaço para as diferentes aspirações e para o desenvolvimento dos amplos talentos existentes em cada um de nós.

Nesse último semestre do ano tornou-se bastante comum meus alunos realizarem grupos de trabalhos com diferentes finalidades com diferentes amigos. Uma dupla de alunos interessou-se em pesquisar um assunto em comum, essa pesquisa precisou de vários dias para ser completada. Mas essas mesmas crianças estavam produzindo textos livres com outros amigos. No momento de montar o plano do dia uma prática tornou-se comum: as crianças passaram a procurar seus parceiros de trabalho para negociar horários. Perceberam a necessidade de organizarem-se também no tempo. Foi uma dinâmica que funcionou muito bem. Era muito bom vê-los tomando a iniciativa para garantir a realização do trabalho a que tinham se proposto e que lhes trazia prazer.

O plano de trabalho é um instrumento que possibilita a organização e também a avaliação. A avaliação se dá durante todo o percurso do trabalho. As crianças, com ajuda do professor, se avaliam através do plano de trabalho e das atividades desenvolvidas, diariamente, semanalmente e ao final de cada trimestre. A discussão sobre o resultado das produções também acontece nas

nossas rodas com a ajuda dos amigos e minha. Também há a comparação entre as produções iniciais de cada criança ou grupo de trabalho, para que o autoconhecimento e a apropriação do conhecimento e das potencialidades se dê. Não basta, saber é preciso saber que se sabe.

No final do dia reservamos um tempo para anotar o que foi realizado, o que ficou incompleto e o que não foi feito para que possa ser retomado nos dias seguintes. Na sexta-feira, além de observar o que conseguiu fazer ou não, a criança avalia o porquê de não ter feito uma ou outra atividade. Ao perceber que algo foi difícil de realizar naquela semana a criança traça como meta para a próxima semana aquilo que percebeu como algo difícil de realizar na semana anterior. Dessa forma além de realizar suas escolhas, tornar responsável pela execução do que escolheu e ainda tem a possibilidade de perceber suas preferências e dificuldades.

Nesse processo de avaliação o professor participa dando sua opinião e apontando necessidades ainda não vistas pela criança. Da mesma forma, semanalmente os pais têm um espaço garantido na agenda do aluno para registrarem suas observações acerca do processo de aprendizagem e de socialização de seu filho.

#### **5.4 Texto livre: o que escrevemos fica para sempre**

A escola, durante muito tempo desprezou estes complexos psíquicos obstinando-se em ignorá-los, substituía estes sentimentos por pensamentos e emoções dos clássicos e dos mestres. Esquecia que todos nós temos humanamente necessidades de dizer, gritar e cantar as nossas alegrias, esperanças e desgostos. Se os homens, egoistamente preocupados com as suas inquietações, não nos quiserem escutar dirigimo-nos à Lua, às estrelas, ao Sol ou aos deuses. Queremos deixar esta necessidade de elevação, de harmonia e beleza que nos agita, marcada pela nossa mão e gênio sobre a terra, barro ou pedras; com esse poderio latente em face da vida, com o trabalho e a ciência, transformamos intrepidamente o meio que nos rodeia e dominamos a natureza. Se tirarmos à criança todas estas possibilidades de ação e reação, ela torna-se um pássaro de asas cortadas, um peixe perdido num tanque cuja água se vai estagnando e evaporando. Utilizando o texto livre e o jornal escolar, alimentamos e exploramos esta necessidade de exteriorização da criança. Tecnicamente, é desta necessidade que partimos para o trabalho de instrução e educação que vamos empreender (FREINET, 1967, p. 96).

Os alunos de 2<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries possuem um caderno reservado para a produção de textos livres. Não há temas pré-definidos para as crianças escreverem. Ajudamos que percebam que suas vivências, sentimentos, conhecimentos, satisfações e insatisfações, podem ser registrados. E se registrado, fica para sempre. Viram histórias escritas, não ficam só na memória e nem se tornam coisas passadas e esquecidas. Essas histórias são compartilhadas com os amigos, lidas em voz alta para toda a turma ou em pequenos grupos. Nesses textos a preocupação maior não é com a ortografia ou com a gramática. Nesse trabalho, a correção, acontece, mas a atenção maior está com a expressão, externar o que temos de nobre e íntimo. É preciso ter uma confiança cristalina para mostrar para alguém o que escrevemos. Essa confiança conquistamos com acolhimento e valorização das idéias e sentimentos expostos. Algumas crianças, no início, não escrevem livremente, precisam ser encorajadas. Ver os amigos escrevendo, se expondo e sendo valorizados encoraja-as a fazer o mesmo.

E a ortografia e a gramática, são desprezadas? Claro que não. A construção do conhecimento sobre a língua que usamos é importante. Usamos diversas dinâmicas diferentes para trabalhar essa aquisição. Uma delas é fazer a correção coletiva. Um texto é escolhido pela turma com essa finalidade. Esse texto é escrito na lousa como ele foi escrito inicialmente. As crianças apontam os erros que percebem e perguntam o que não entenderam. Muitas vezes esse não entender é a forma como o texto foi escrito. Quando o autor começa a explicar o que ele quis dizer, já aparece a outra forma, mais clara de deixar o texto. Durante essa correção conversamos sobre as regras gramaticais e ortográficas, nos próximos textos percebo que esse aprendizado já aparece. As regras gramaticais e ortográficas aprendidas no contexto da escrita são registradas num caderno que chamamos de **minha gramática**. Esse caderno fica sempre com a criança e é utilizado para consulta quando for preciso. Outro jeito de trabalhar a correção é individualmente, conversando com cada um sobre suas produções e fazendo as alterações necessárias sempre com o objetivo de tornar o texto mais claro.

## 5.5 Ateliê: realizando o que foi planejado

Das escolhas, organizadas no plano de trabalho, surgem grupos de trabalhos que chamamos de ateliês. Pesquisas, produção de textos livres, leituras, atividades de matemática, jogos, desenho, pinturas, fichas ortográficas, construções, plantações. Tudo é possível de se realizar em ateliê. Essa forma de trabalhar permite uma dinâmica que contempla a curiosidade individual e as necessidades coletivas. É possível acontecer as mais diferentes atividades ao mesmo tempo em uma sala de aula Freinet. Um grupo pode realizar pesquisa, uma dupla pode escrever um texto livre, uma criança realiza uma leitura individual, enquanto outros constroem uma maquete ou testam uma experiência.

Nossa sala de aula tem vários materiais sempre à disposição. Por exemplo: ao perceber que não está utilizando corretamente as regras de pontuação, o aluno se organiza através do plano de trabalho, para realizar atividade sobre esse assunto. Recorre ao nosso fichário de gramática, escolhe a sua ficha, realiza a atividade, faz a auto-correção, temos um fichário com as mesmas fichas contendo as respostas, e dessa forma a criança percebe se tirou suas dúvidas ou não. Temos fichários ortográficos, de matemática e de pesquisa também. A criança tem a sala organizada para realizar com autonomia todas as etapas do seu trabalho.

Em uma produção de um jornal, por exemplo, cada criança ou cada grupo de crianças, assume uma função diferente. Enquanto um grupo realiza a coleta de textos, outro pode encarregar-se de produzir textos, enquanto outros se preocupam com a digitação e outros ainda fazem as ilustrações.

As crianças não têm a obrigatoriedade de passarem por todos os ateliês, mas é importante o desenvolvimento do autoconhecimento para que suas escolhas apontem realmente para o desenvolvimento de suas potencialidades e para a superação de suas dificuldades.

A construção de um jornal sempre se constitui em uma dinâmica muito gostosa. O objetivo passa a ser coletivo, a produção única será construída pelo grupo todo, e por isso a colaboração de cada um se faz essencial e fundamental para que o sucesso coletivo aconteça.

Sobre essa dinâmica detalharei no próximo tópico.

## 5.6 Jornal e álbuns: produzindo conhecimento e cultura

Em uma sala de aula que assume a pedagogia Freinet, não seguimos o livro didático, utilizamos esse material como mais uma fonte de pesquisa, pois os temas desenvolvidos e pesquisados não têm uma seqüência pré-estabelecida, como sugere o livro didático. As pesquisas, textos livres e outras produções desenvolvidas nos ateliês são transformados em livros e jornais.

As crianças se apropriam de todo processo de construção do conhecimento, adquirem informações e produzem material de divulgação desse conhecimento adquirido. Saber que suas descobertas serão divulgadas e socializadas para toda a comunidade é um estímulo a mais para a realização do trabalho.

No momento da produção de um jornal ou dos álbuns, as crianças percebem a importância de deixar os textos sem erros, é quando a preocupação com a ortografia aparece com significado. O mesmo acontece com a gramática, é necessário trabalhar coerência, clareza, organização dos parágrafos e pontuação.

No ano de 2006, trabalhando com uma turma de 3º ano (antiga 2ª série) alguns alunos pesquisavam o tema folclore. Socializavam as informações conseguidas em casa ou em pesquisas realizadas em sala. Esse tema empolgou todos nós. Resolvemos eleger vários temas para que todos iniciassem pesquisas também já que esse era o interesse de todos. Ateliês de pesquisas eram organizados quase todos os dias, muitas anotações foram feitas nos cadernos e socializadas em nossas rodas de conversa. Propus que compartilhássemos essas descobertas para um número maior de pessoas para os pais e para as outras turmas. Vamos fazer um jornal!

Iniciou-se uma dinâmica muito gostosa em sala de aula. Os grupos passaram a perceber que além de satisfazer suas curiosidades, precisavam também interessar quem fosse ler o jornal, queriam levar informações e novidades. Era comum ouvir as crianças falarem enquanto trabalhavam “Será que essa adivinhação as pessoas já conhecem?”, “essa lenda é muito conhecida, vamos procurar uma outra!”.

Além de pesquisar, escrever, corrigir, digitar, fazer os desenhos as crianças cuidaram da distribuição para todas as turmas. Ficaram todos muito alegres e orgulhosos quando o jornal ficou pronto e mais feliz ainda ao

receberem cartas e bilhetes de alguém que leu nossa produção, opinando sobre o jornal.

### **5.7 Correspondência: ampliando o nosso mundo e criando amigos à distância**

Freinet inicia a correspondência com seus alunos no ano de 1926. Em sua sala de aula a prática do texto livre já acontecia, mas ele se inquietava com a idéia da finalidade desses textos produzidos, acreditava que “as crianças queriam e mereciam uma larga audiência” (FREINET, 1975, p 28).

Na Escola Curumim houve turmas que se corresponderam com escolas públicas de Campinas, particulares de outras cidades, outros estados e até com uma escola da França. No ano de 2006, as duas turmas de 2ª séries, tiveram uma experiência com correspondência bastante significativa. Tivemos trocas de conhecimentos durante o ano todo, gerando amizade e companheirismo entre as pessoas, inclusive entre as professoras.

Foi assim: no início de cada ano as crianças escolhem um nome para suas turmas. A 2ª série da manhã escolheu se chamar Turma da Tartaruga Nena e o nome escolhido para a turma da 2ª série da tarde foi Turma da Aranha. Sem haver ainda qualquer correspondência entre as turmas, separadamente, cada turma deu início a pesquisas sobre o animal que as nomeavam. A 2ª série da manhã foi aprofundando suas pesquisas no sentido de conhecer os animais vertebrados enquanto a 2ª série da tarde se especializava em invertebrados. No mês de abril as duas turmas se encontraram num sábado de manhã. Essa é uma atividade que a escola organiza duas vezes por ano e que chamamos de aula especial. Nesse encontro socializamos, em roda de conversa, os conhecimentos adquiridos pelas duas turmas até então. Aproveitamos para ampliar nossos conhecimentos. A Turma da Tartaruga Nena, que até então sabia só sobre vertebrados, passou a conhecer também os invertebrados e o contrário também aconteceu, a Turma da Aranha conheceu os vertebrados através das pesquisas e exposição realizada pela outra turma. Nesse dia organizamos ateliês, as crianças se conheceram mais e rapidamente tornaram-se amigas.

Ao longo do trimestre em que esse trabalho foi desenvolvido as turmas continuaram suas pesquisas e cada descoberta feita logo era socializada através de correspondência. A Turma da Aranha conheceu o mito da aracne e

escreveram para nós. Nós conhecíamos fábulas de tartarugas e contamos para eles. Um dia, conversando, nós as professoras, decidimos propor para nossas turmas fazermos uma história coletiva através de correspondências. Levantamos um único critério para a história: precisava ter como personagens uma aranha e uma tartaruga, é claro.

A Turma das Aranhas começou assim: “Era uma vez uma aranha chamada Aya ...”. E assim foi por várias semanas, uma turma escrevia um pouco, conversando em suas rodas de conversa, conciliando as várias idéias que surgiam, buscando uma coerência entre o que a outra turma tinha encaminhado. Chegamos ao final. A turma da Tartaruga Nena estava se preparando para escrever o final da história, mas uma aluna levantou a mão e lançou a idéia:

*- Nesse sábado, vai ter a segunda aula especial, então por que não fazemos o final da história junto com a Turma da Aranha?*

As crianças vibraram de alegria e encaminhamos a proposta, através de carta, para a os nossos co-escritores. E assim fizemos: terminamos a história da Aya e da Nena em roda com as duas turmas. Foi uma roda muito conversada e no final contentou a todos. Resolvemos produzir um livro com a história e nesse dia mesmo já iniciamos as ilustrações em ateliês.

### **5.8 Aula passeio: ver, ouvir, cheirar, sentir. Vivendo o mundo por inteiro**

Também são inúmeras as possibilidades de realização de aula passeio tanto quanto são as várias possibilidades de trabalhos, projetos e pesquisas a se realizarem numa turma durante o ano. Uma aula passeio pode estimular o início de um projeto como também pode ser a continuidade de uma pesquisa já iniciada.

No ano de 1999, quando eu estava com uma turma de 3<sup>a</sup> série, a grande novidade do primeiro dia de aula foi a nossa própria escola. Tinham tantas novidades, tantas modificações e construções foram feitas durante as férias que organizamos, já na nossa primeira roda, um passeio pela escola. Combinamos os caminhos a serem percorridos e os espaços a serem observados. Mas o inesperado aconteceu. Do inesperado sempre surgem possibilidades fecundas de trabalho. Um aluno atento às árvores, que naquele ano estavam bem desenvolvidas porque choveu muito durante todo o mês de janeiro, disse:

*“ Olha que árvore diferente! Tem duas frutas diferentes no mesmo pé! ”.*

Dessa observação iniciou uma longa pesquisa que nos contagiou. Além de procurar informação para comprovar ou não essa hipótese: uma árvore pode dar duas frutas diferentes? Abriu-se um complexo de interesses com os mais variados assuntos que foi desde as plantas, suas partes, função de cada parte, variedade das plantas, ecologia, desmatamento, até a leitura do livro o Pequeno Príncipe. Sobre complexo de interesse nos diz Freinet (1969): “falaremos de complexo de interesse: Nossa escola do trabalho encontra-se no centro da vida e é condicionada pelas motivações múltiplas e diversas da vida. Cabe às crianças escolher entre nossas prateleiras os artigos que lhe convêm perfeitamente” (p. 87).

Vimos no livro o interesse do menino em cuidar de sua rosa. Essa grande admiração sensibilizou e despertou no grupo a vontade de cuidar também. Cada um escolheu, entre as plantas da escola, uma que mais lhe chamasse a atenção e passaram a observá-la e ser sua amiga. Passaram a cuidar de suas plantas como se fossem únicas, assim como o Pequeno Príncipe cobria de cuidados a sua rosa. Aprendemos sobre as plantas e fizemos muitas descobertas sobre sentimentos e atitudes. Novas perguntas surgiam o tempo todo, com a leitura que realizávamos e as respostas surgiam a medida que nos propúnhamos a conhecer a nós mesmos. Esse foi um projeto que surgiu a partir de um passeio, mas o contrário também pode acontecer, realizarmos um passeio para buscarmos mais informações sobre alguma pesquisa já em andamento.

E a árvore que dava duas frutas? Para os mais curiosos aqui vai a revelação da descoberta que o grupo fez sobre a tal árvore: era um pé de caqui carregado de frutas e se apoiava nela um pé de maracujá, também com frutas, doando-nos a ilusão de que as duas frutas nasciam da mesma árvore. Descobrimos isso depois, com muita observação. Suspeitávamos dessa possibilidade e procurávamos onde nascia a outra planta. Mas o maracujazeiro vinha da casa vizinha. Por mais que procurássemos, e procuramos muito, não encontrávamos de onde nascia essa outra planta. Porém não desistimos de buscar a resposta para a dúvida que nos inquietava e fomos contemplados com a deliciosa satisfação da descoberta.

## 5.9 Jornal de parede: eu proponho, eu critico, eu quero saber e eu felicito.

### Tornar-se cidadão: aprendendo direitos e deveres

Esse instrumento é utilizado em todas as séries de diferentes formas, mas em todas, o objetivo é o exercício da democracia. Sugestões, dúvidas, críticas e elogios vão sendo registrados durante a semana e são colocados em um cartaz que tem o objetivo de organizar uma conversa sobre os temas propostos. Com os bilhetes de felicitações externamos nossos sentimentos, estreitando os laços de amizade. Para quem recebe, é um reforço para as atitudes positivas. Muitos projetos têm início no jornal de parede. Surgem com os bilhetes de: Eu proponho e eu quero saber.

Problemas também são resolvidos. O não cumprimento de uma regra por alguém, uma atitude que causou chateação é conversado para que o entendimento aconteça. É possível também rediscutir regras e alterá-las, se essa for a necessidade do grupo no momento.

No livro “Palavra de professor (a)”, organizado por Gláucia de Melo Ferreira (2003), escrevi um texto no qual descrevi um exemplo de vivência de jornal de parede e o reproduzo aqui. É uma situação bastante ilustrativa de resolução de problema através desse instrumento. A descrição faz referência à turma de 3ª série, ano 1999:

*“Um dia, na roda de leitura de jornal de parede, a discussão foi sobre a lição de casa: por que tantas crianças estavam resistindo em fazer as tarefas em casa? Conversamos então: sobre o porquê da lição de casa: é castigo ou não? É bom ou não? Ajuda na aprendizagem ou não? É necessária ou não? A conversa foi inflamada, todas essas questões eram colocadas de forma franca e aberta. Cada um, na sua vez, com muita seriedade, dava sua opinião. Algumas crianças defendiam suas opiniões com tanto entusiasmo que eram aplaudidas. A conclusão foi: lição de casa é muito importante e nosso objetivo é conseguir que todos a tragam feita.*

*No dia seguinte, na correção da lição de casa, expectativa e... todos fizeram suas lições.*

*Eles diziam: “- Vitória!” E uma criança comentou: “- Vocês repararam que tudo o que a gente conversa no jornal de parede, resolve?!” (GHIDOTTI, 2003, p. 102-103).*

Resolve porque há o esclarecimento da situação, com decisão tomada pelo grupo. Naquele caso, a conversa permitiu uma retomada dos nossos direitos e deveres. A utilização do jornal de parede favorece o diálogo, que é tão necessário para a construção da autonomia. E hoje acrescento: e para a construção da cidadania

## **6. Projeto Sagui: uma visita agradável na Escola Curumim: o uso dos instrumentos e dos princípios da pedagogia Freinet**

Esse projeto aconteceu numa escola particular da cidade de Campinas, ano de 2005, quando eu trabalhei com uma turma de 4<sup>a</sup> série. No projeto que vou expor, um dos aspectos mais significativos foi permitir que a vida entrasse pelas portas e janelas da nossa sala de aula. O interesse, porta de entrada do conhecimento fez com que as crianças e eu vivêssemos um verdadeiro caso de amor com o conhecimento naquele ano e, posso dizer que a luz dessas descobertas trouxe transformações para o nosso entendimento sobre natureza, sobre afeto, sobre apego e desapego, sobre o consumismo e mudou as nossas atitudes e valores. Trouxe autoestima, responsabilidade e conhecimento sobre o nosso papel nessa teia da vida.

Pensando no processo de ensino aprendizagem e no conteúdo de 4<sup>a</sup> série, esse projeto foi idealizado com o objetivo de desenvolver conceitos das diversas disciplinas, buscando a interdisciplinaridade, as relações de conhecimentos existentes entre todas elas. A busca foi trazer à tona as necessidades de aprendizagens e a formação integral do aluno. Conhecer-se conhecendo o mundo.

A utilização dos instrumentos da pedagogia Freinet nesse projeto, garantiu que o tema fosse trabalhado em toda sua extensão de interesse da turma. Além disso, essa forma de trabalhar possibilitou criar as condições para que todos os alunos desenvolvessem suas capacidades, respeitando os diferentes ritmos de trabalho e natureza de cada um e permitindo criar condições para a superação de suas dificuldades e necessidades de aprendizagens, sem perder de vista o projeto coletivo de trabalho. Freinet se refere a essa possibilidade de trabalho da seguinte forma: “são como belos jardins cujas plantas extrai, num solo rico, a mesma seiva, mas onde desabrocham segundo a sua natureza e a sua utilidade, os legumes úteis, as árvores generosas e as flores da poesia e da beleza, tão necessárias por vezes como os alimentos fundamentais” (FREINET, 1975, p. 50).

Utilizando os instrumentos roda de conversa e texto livre, foi trabalhada a livre expressão através da fala e da escrita, com a construção de hipóteses e de argumentação o desenvolvimento do conhecimento se deu através das comprovações das hipóteses e dos argumentos em todas as etapas de trabalho.

O Plano de trabalho foi utilizado como planejamento das atividades coletivas e individuais e na auto avaliação das atividades após o seu cumprimento. Isso propiciou um autoconhecimento e uma nova elaboração das próximas atividades. Planejar as atividades e avaliar-se em cada etapa do trabalho, desenvolveu o senso de responsabilidade, compromisso e autoconhecimento. Os ateliês permitiram a escolha e o desenvolvimento individual ou em pequenos grupos das atividades e conseqüentemente, desenvolveu as potencialidades individuais e promoveu a autoestima e o sucesso. A Pedagogia Freinet tem seus olhos voltados, o tempo todo, para o desenvolvimento do sucesso de cada aluno. Conhecer e respeitar a todos é fundamental para que esse sucesso se dê. E finalmente, a criação do jornal escolar promoveu a comunicação das aprendizagens realizadas. Comunicar-se é saber-se vivo, é ecoar o nosso ser aos outros e receber de volta o som que lançamos no ar.

**SAGUI**

*Sai sagui sai daí,  
Desce daí pra gente brincar.  
Sai sagui sai daí,  
Desce daí pra gente pular,  
Esse sagui não ta bom da bola,  
Não é que nem o nosso  
Que pintou lá na Escola.  
Esse não sai do computador,  
Ele e a máquina são um caso de amor.  
Fica teclando e grudado na tela,  
Vamos sagui, a vida é bela.  
Sai...  
O nosso sagui que agitava na escola,  
Morava na mata e foi capturado  
Conseguiu fugir e veio pro telhado,  
Agora está em outra,  
Ele está bem cuidado.  
A linha do Tempo pesquisou e descobriu,  
Divulgou depois no jornal Pau Brasil  
Que a macaquinha era uma menina sim!  
E o seu nome é Chica Curumim..  
Sai...  
Composição coletiva da turma - Poesia musicada*

Tudo começou quando uma saguizinha apareceu na Escola Curumim. No dia 30 de março de 2005, nós da 4ª série, a vimos pela primeira vez. Era uma quarta-feira e ao chegarmos à escola o assunto entre as crianças era:

- *Tem um mico na escola!*
  - *Os alunos da tarde viram ontem!*
  - *É verdade, tem um macaquinho aqui!*
- Ainda bem que notícia boa também chega rápido.*

Queríamos ver. Fomos todos juntos para a sala de aula olhando para as árvores, procurando o bichinho. Como ele não apareceu, entramos para nossa sala e começamos a planejar as atividades do dia. Como já apontado, faz parte da rotina diária, planejar as atividades que realizaremos através do Plano de Trabalho. Os assuntos que vínhamos pesquisando há alguns dias eram história e geografia do Brasil. Programamos ir até a biblioteca da escola procurar livros que tivessem informações sobre o pau-brasil e a sua exploração pelos portugueses no início da colonização, entre outras atividades. Quando o nosso dia já estava planejado alguém olhou para fora e gritou:

- *Olha lá!*

Era o tão esperado e anunciado sagui. Ainda não sabíamos que se tratava de uma fêmea e por isso chamávamos de ele. Estava em cima do cajueiro que tem em frente a nossa sala. Adivinha o que aconteceu? Adeus plano de trabalho! Naquele momento a vida soprava para aquele lado e pegamos esse atalho. Era mais importante satisfazer nossa curiosidade de conhecer aquele animal do que manter o que havíamos planejado. Esse tema seria retomado mais tarde e aproveitado seus conhecimentos nesse novo projeto que se anunciava. Esse foi o primeiro passo para iniciarmos um caminho que nos mobilizou e que conduzimos como linha mestre das nossas aprendizagens até o final do ano.

Saímos para vê-lo pela primeira vez. Nossa ansiedade era imensa. Chegamos devagarinho, em silêncio, pé ante pé. Não queríamos espantá-lo. Lá estava ele, um macaquinho, bem pequeno e para nosso espanto, ele não se assustou com a nossa presença. Não demonstrava medo e não fugiu como esperávamos que acontecesse. Ficamos observando-o e ele a nós. Parecia que ele também estava curioso e ansioso para nos conhecer. Trocou de árvore, foi pulando e olhando para trás. Nós também fomos. Foi quando alguém teve a ideia de pegar uma fruta e oferecer para ele. Colocamos uma banana em um dos galhos e ele comeu praticamente na nossa mão. Tiramos fotos e ficamos muito felizes com essa visita. Avisamos as outras séries que o macaquinho estava ali. Sabíamos que todos queriam vê-lo. Começou uma visita, muito organizada, de

todas as turmas para observar o sagui. O encantamento de todos era muito grande. A curiosidade gerou a realização de pesquisas e conhecimento.

Passamos a vê-lo todos os dias. A convivência com o bichinho estava cada vez mais gostosa, o alimentávamos todos os dias e ele se aproximava de todos cada vez mais. Isto estava ficando sério. Estávamos preocupados se estávamos agindo corretamente com aquele animalzinho nos tornando amigos dele e o alimentando com os mesmos alimentos que os nossos. As dúvidas começaram a surgir: Algumas pessoas o chamavam de ele e outras de ela. Afinal é um macho ou uma fêmea? Algumas pessoas o chamavam de sagui outras de mico. O que é? Um mico ou um sagui? Qual é a diferença entre mico e sagui? De onde ele veio? Como chegou à nossa escola? Será que esse é um bom lugar para ele viver? Podemos alimentá-lo?

Começamos a conversar, em nossas rodas de conversas, sobre essas questões. Nesse momento percebi que seria necessário trabalharmos alguns temas. Tínhamos uma situação favorável, a presença do sagui, e tínhamos a curiosidade natural das crianças.

Era importante provocar discussões e reflexões sobre alguns assuntos: Animais, características e classificações; conceitos e noções de ecologia; relações existentes entre esse animal e o meio em que ele vive; a importância da sua permanência no seu meio natural para o equilíbrio do ecossistema; os fatores de desenvolvimento das cidades e as consequências da urbanização.

### **6.1 Iniciam-se as pesquisas – Aprendendo a aprender**

Essas inquietações e curiosidades nos moveram para que iniciássemos as pesquisas.

Fizemos um cartaz e afixamos no mural da escola. Colocamos as fotografias que tiramos no primeiro dia que o vimos. Queríamos informar para toda a comunidade da escola sobre o macaquinho que ali estava e queríamos receber informações também. Escrevemos nossas dúvidas em forma de perguntas:

*Esse animal é um sagui ou é um mico? É macho ou é fêmea?  
Será que é bom para ele viver aqui? Qual deve ser o destino desse bichinho?*

Recebemos muitas informações das crianças, dos adolescentes, dos pais e professores. Nós também fomos atrás das informações que queríamos. Começamos a ler em livros didáticos, paradidáticos, em revistas e na internet. Iniciamos nossa pesquisa sobre animais e suas classificações. As descobertas feitas eram sempre anotadas nos cadernos com o formato de textos informativo ou literário. É a prática do texto livre e da livre expressão. Esses conhecimentos eram compartilhados com todos da turma nas nossas rodas de conversas diárias.

Precisávamos ainda de informações mais precisas e pedimos ajuda para a professora de ciências da escola. Ela nos deu uma aula e ficamos sabendo sobre a classificação do “nosso bichinho”: pertence ao reino animal, classe dos mamíferos, ordem dos primatas e que eles se diferem dos homens somente na família, somos da família dos homonídeos e eles são da família dos callitri.

Pesquisando na internet descobrimos a diferença entre sagui e mico. Observando as características do nosso bichinho, e cruzando-as com o que encontrávamos nos sites, vimos que o nosso mico, na verdade, era um sagui. O sagui de cara branca, originário da Mata Atlântica, região do Estado de Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Estávamos caminhando em nossas descobertas: dominando conceitos antes desconhecidos, desenvolvendo nossa escrita, conhecendo estilos diferentes de escrita, aprendendo a observar atentamente a natureza, e na busca das informações estávamos aprendendo a aprender.

Para saber se era macho ou fêmea, pedimos ajuda de uma outra profissional, desta vez uma bióloga e tivemos a oportunidade de descobrir nessa ocasião, o que é essa profissão. Convidamos para vir à escola uma especialista em primatas. Ela veio nos visitar e confirmou nossa descoberta: é um sagui da cara branca, originário do norte da Região Sudeste. Ajudou-nos e nos ensinou a descobrir se era um sagui macho ou fêmea. E eis, era uma fêmea!

Nessa conversa a bióloga nos passou informações importantes. Explicou que esse é um animal silvestre, que vive em bando, acostumado a caçar pequenos bichinhos e pegar frutas que encontra na mata. No seu habitat natural ela não encontra bananas, nem maçãs, nem pães, nem doces e essa sagui demonstrava gostar de tudo isso porque comia com vontade quando dávamos para, agora ela. Era um indício de que essa sagui não vivia na mata e tinha

contato com as pessoas. Fomos orientados a oferecer frutas, já que ela não estava em seu habitat natural e não poderia encontrar seu próprio alimento, mas não dar pães e nem doces. Isso foi divulgado para todos da escola e todos passaram a cuidar da alimentação da nossa sagui de cara branca seguindo as orientações que recebemos. Agora já sabíamos cuidar dela. Sabíamos o que era importante para a sua saúde e isso dependia da nossa atitude responsável para com a sagui.

Veja, que descoberta! Uma sagui de cara branca originária do Estado de Espírito Santo!

Começamos a olhar para essa questão procurando num mapa onde fica o estado do Espírito Santo. Nessa época do ano, mês de abril, já conhecíamos o mapa do Brasil e a divisão das regiões. Mas olhamos para ele novamente, agora com um olhar curioso, procurando resposta para a pergunta que fazíamos no momento: onde era a casa da sagui? Vimos que o Estado do Espírito Santo está distante do nosso Estado mil quilômetros. Estudamos essa grandeza de medida e escala dos mapas para termos a noção da distância que isso significava. Conhecíamos também o mapa do Brasil com a mata Atlântica original, antes das explorações das riquezas naturais, antes do crescimento das cidades, antes da devastação das florestas e um outro mapa com as matas como estavam no ano de 2002 (livro didático IBEP - geografia). Sabíamos que hoje quase não há mata Atlântica nessa nossa região. Aprendemos isso ao fazermos as pesquisas sobre pau-brasil e agora pudemos ver o quanto a ação predatória do homem, juntamente com o crescimento desordenado das cidades realizadas, é prejudicial para toda a natureza, flora e fauna e como uma alteração prejudica todo o ecossistema. Procurávamos informações e estudávamos os conceitos. Queríamos entender essa situação. Sabíamos que não era natural uma sagui aparecer na escola. Por mais que essa situação nos alegrasse, algo incomodava.

Essas pesquisas eram sempre planejadas através do plano de trabalho, desenvolvidas nos ateliês, tínhamos as descobertas compartilhadas e avaliadas nas nossas rodas de conversa.

Resolvemos alguns problemas. Sabíamos que se tratava de uma fêmea, que era uma sagui e sabíamos como alimentá-la. Mas outras questões surgiram. O que passou a nos intrigar com essa observação do mapa foi: se a nossa sagui era

da mata Atlântica do norte da região sudeste, tão longe, como ela tinha chegado aqui? Levantávamos novas hipóteses e argumentávamos. Íamos atrás de informações que comprovasse ou não nossas ideias.

Nessa ocasião, uma das pesquisas realizadas foi sobre as matas do Estado de São Paulo e de Campinas, nosso Estado e nossa Cidade. Ficamos sabendo que aqui não tem sagui de cara branca. Descobrimos também que na nossa cidade há uma pequena reserva natural de mata Atlântica e que o primata natural daqui é também um sagui: o sagui caveirinha. “Então, alguém trouxe!” - foi o que um aluno falou. Nova hipótese aparecendo. Precisamos conhecer mais sobre esse assunto.

## **6.2 A compra e venda de animais silvestres – o tráfico de animais**

Foi o assunto que começou a nos interessar. Conversávamos em nossas rodas de conversas e as crianças começaram a buscar informações. Conversavam em suas casas, com seus pais, vizinhos, parentes e com especialistas no assunto. Traziam as informações que conseguiam para a sala e ao contar para os amigos. Nessa troca aprendiam muito uns com os outros. Traziam também livros e revistas. Líamos todo o material trazido e continuavam a registrar o que achavam interessante em seus cadernos.

As crianças descobriram indignadas, que muitas espécies de animais são retiradas de seus habitats para serem vendidos. Descobriram que essa é uma prática ilegal e que muitos animais são maltratados, morrem ou ficam doentes. Leram sobre o IBAMA e descobriram que esse é um órgão do governo que fiscaliza essas práticas. Assistimos ao filme “Tainá” para ilustrar ainda mais o tema que estudávamos. Estudamos, ainda, para entendermos a importância de um animal ser mantido no seu habitat natural, noções de ecologia, ecossistema, cadeia alimentar, habitat natural e extinção de animais.

A resposta dada sobre o como a sagui veio até a escola, “alguém trouxe”, começou a nos convencer de que era verdadeira. Embora não tivéssemos prova disso tudo levava a crer que a sagui devia ser vítima de tráfico e que vivia na casa de alguém, já que ela era tão dócil. Em seu ambiente natural o sagui é arisco. Aprendemos isso em uma de nossas pesquisas e começamos a comprovar hipóteses e a tirar novas conclusões.

### 6.3 Fazendo um jornal

Nesse momento, já era o mês de maio. Tínhamos muitas informações e também registros dessas informações nos cadernos e livro da vida. Queríamos mais uma vez comunicar a todos da escola sobre nossas descobertas. Mais uma vez, conversando em roda, resolvemos fazer mais um jornal, já havíamos confeccionado um anteriormente. O objetivo era transmitir a um número maior de pessoas nossas descobertas e aprendizados sobre sagui. Seria uma **Edição Especial Sagui**.

Escolhemos textos entre os quais já estavam escritos. O critério para a escolha foi: selecionar textos que tivessem informações específicas sobre saguis e que expressassem nossas descobertas. Retomamos discussões anteriores sobre a estrutura de um jornal e profissionais que fazem parte de um jornal. Queríamos realizar um bom trabalho. Nosso jornal já tinha um nome resolvemos mantê-lo. Anteriormente, surgiram várias ideias de nomes e por votação o nome escolhido foi: JORNAL PAU-BRASIL. Esse era o nome do nosso jornal.

Precisávamos pensar nas manchetes, estrutura, imagens (desenhos e fotos), correção dos textos. Associamos cada uma dessas necessidades a uma função no jornal e os alunos escolheram qual função queriam desenvolver no jornal. Dividimos a sala em grupos de trabalho, os ateliês. Assim todos os alunos que tinham interesse em ter seus desenhos publicados no jornal enviavam para o grupo de imagens e assim por diante, os alunos interessados em ter seus textos publicados enviavam-nos para o grupo que tinha a função de escolha e correção.

Com todos os materiais em mão os grupos começaram a selecionar o que achavam mais prudente colocar num jornal. O grupo de imagem escolhia desenhos que tivessem contornos bem definidos e com cores fortes. Usaram esse critério por saberem que faríamos cópias desse jornal. Esse grupo também resolveu que seria interessante termos uma logomarca para o nosso jornal associada à imagem do sagui. Pediram a todos da nossa turma que quisessem participar desse concurso fizessem seus desenhos e mandassem para esse grupo, que também seria a comissão julgadora. Pesquisaram e informaram a todos o que é uma logomarca e muitos desenhos foram enviados. Após mais ou menos três dias de trabalho a nossa logomarca foi escolhida e passou a fazer parte de tudo o que expúnhamos na escola sobre a sagui.

O grupo de texto teve a difícil incumbência de ler, selecionar e fazer as correções dos textos. Para auxiliar essa atividade, um dos textos escolhidos foi corrigido coletivamente. Essa atividade foi realizada da seguinte forma: após ser lido e escolhido para esse objetivo, o texto foi escrito na lousa da forma que foi escrito pelo aluno. Os alunos levantaram a mão e foram apontando o que identificam como erro ou dúvidas. O texto então foi sendo analisado em grupo, forma e conteúdo. Foi ganhando uma nova cara e cada aluno, se apropriou dos conhecimentos trabalhados, conceitos ortográficos, gramaticais, das informações passadas, pontuação e palavras adequadas para que o texto ficasse claro. O escritor do texto foi bastante ouvido nesses momentos e coube a ele a última palavra em relação às mudanças propostas. É preciso respeitar a opinião do autor.

Mais seguros em relação às correções e sempre contando com meu apoio, com o apoio do escritor e realizando pesquisas em livros de gramática, dicionários e pesquisas, os textos foram ficando prontos e nosso jornal, ansiosamente, sendo construído por todos. Faltava digitar. Propus-me a realizar esse trabalho até mesmo para ganharmos tempo. Queríamos ver e tocar e divulgar o nosso jornal.

Finalmente ficou pronto. Fizemos cópias, um para cada aluno da turma, um para cada turma da escola e também expomos no mural da escola. Atingimos, dessa forma, alunos, pais, professores e funcionários da escola. Estávamos felizes e orgulhosos do nosso trabalho! Num segundo momento esse nosso jornal ganhou um novo caráter e uma função bastante clara com um novo objetivo que surgiu nesse projeto. Explicarei no momento oportuno.

#### **6.4 Um nome para a nossa sagui**

Continuávamos a fazer descobertas referentes a várias áreas de trabalho, ciências, geografia, história, ecologia, comportamento e atitudes do homem, legislações, técnicas artísticas, afetividade, os nossos desejos... Eis que mais uma vez algo começou a nos incomodar: quando íamos falar da “nossa” sagui, sempre engasgávamos, não sabíamos como nos referir a ela. Cada um a chamada de um jeito: sagui, saguizinha, sagui de cara branca, mico, miquinha...

Mais uma vez conversar em nossa roda ajudou-nos a expor o que incomodava e mais uma vez encontramos a solução para o nosso problema:

vamos dar um nome para ela! Organizamos essa atividade, mais uma vez, envolvendo a escola toda. Fizemos um cartaz contando para todos que queríamos dar um nome para a sagui e pedimos que as pessoas escrevam no cartaz as suas sugestões. Depois de alguns dias tínhamos 30 ideias de nomes. Queríamos fazer uma eleição para definir o nome da sagui. Pusemo-nos a pesquisar sobre eleição e voto.

Organizamos uma cédula de votação com os nomes sugeridos e fizemos uma urna. Divulgamos para todas as turmas (infantil até 8ª série), manhã e tarde, através de uma carta para cada turma que faríamos à escolha do nome da sagui através do voto. Divulgamos os nomes propostos e escolhemos não fazer campanha, apenas informar. Houve discussões nas salas também sobre o ato do voto, o que significava escolher através do voto. Esclarecidos que estavam, informamos a data e no dia marcado, passamos de sala em sala, com a urna e as cédulas. Tivemos ajuda de alunos da tarde para a realização dessa atividade. No dia seguinte fizemos à contagem dos votos e o nome mais votado foi: Chica Curumim. Ela passou a ter um nome tinha nome. Mais que isso, tinha nome e sobrenome! Todos passaram a chamá-la de Chica Curumim.

### **6.5 Conhecendo o projeto Mucky-Nosso trabalho não pára.**

Ao colocarmos o nosso cartaz para a comunidade da Escola Curumim perguntando se ali era um bom lugar para ela, muitas pessoas disseram que não, pois ela estava fora de seu ambiente. Quanto mais estudávamos sobre todos esses assuntos, mais ficávamos convencidos de que ali não era bom para ela, embora ela se mostrasse muito feliz e nós também. Ela já estava ficando amiga de todos, acompanhava as turmas pela escola. Nós a procurávamos todos os dias, falávamos bom dia, todos os dias, ao chegarmos à escola e nos despedíamos antes de irmos embora.

O afeto que o contato com a Chica gerou foi muito grande. Afeto sim, mas apego não. Foi a conversa que começamos a ter na escola. Seria necessário o desapego para conseguirmos perceber o que era melhor para a sobrevivência e saúde da Chica. Em uma dessas conversas de roda um aluno levou para mostrar para a turma um artigo de uma revista. Não conseguimos identificar qual era a revista, pois ele tinha só as páginas com a seguinte manchete: “Refúgio seguro para animais ameaçados”. Esse artigo mostrou para nós a ONG Mucky

O Mucky fica na cidade de Itu e tem por objetivo cuidar de micos e saguis vítimas do tráfico de animais. Depois de estudarmos e descobrir o que é um ONG, entramos em contato com eles. Informando o que estava acontecendo na nossa escola. Trocamos uns três ou quatro e-mails e ficou combinado que a Lívia, bióloga fundadora e presidente dessa entidade, nos visitaria. Sua visita movimentou a escola. Ela fez reuniões com as turmas, passou muitas informações sobre o projeto e principalmente sobre os animais que recebe na ONG. Nesse mesmo dia ela pegou a nossa sagui e levou para o Projeto Mucky.

Nesse momento a conversa sobre o desapego de um bichinho que cativou a todos ganhou bastante importância. Sabíamos que era o melhor para ela e que se ficássemos com ela porque achávamos ela muito bonitinha, não estaríamos contribuindo para o seu bem-estar. A conversa não foi difícil, as crianças tinham informações suficientes para perceber que o que estava jogando naquele momento não era o nosso desejo e sim o bem-estar e a sobrevivência da Chica Curumim. Tínhamos aprendido que gostar é respeitar as necessidades de quem gostamos. Não conseguíamos dar para a Chica tudo o que ela precisava. Era preciso que ela voltasse para seu ambiente natural. Construimos uma visão crítica sobre o tráfico de animais e agora iríamos deixar nosso desejo de lado para valorizar o que a Chica nos trouxe como um bem: o respeito pela natureza.

## **6.6 Adotamos a Chica Curumim**

Tristes por perder a companhia da Chica, mas satisfeitos por sabermos que tínhamos feito o melhor para ela, continuamos trocando e-mails e cartas com a Lívia e o projeto Mucky. Ficamos sabendo que a Chica estava bem e que se adaptou rápido no seu novo lar. Na visita da Lívia na escola conversamos bastante sobre o que é uma ONG, especificamente o que é o Projeto Mucky e ficamos sabendo que a maioria das ONGS sobrevive de doações e o projeto Mucky também.

Sentia-me muito responsável pela Chica, embora ela não estivesse mais sobre os nossos cuidados, queria continuar a ajudá-la, agora com parceria com o projeto Mucky. Descobri, visitando o site da ONG que era possível apadrinhar um animal recolhido por eles e ajudar a mantê-lo. Propus as crianças que a turma da Linha do Tempo, nome dessa 4ª série, apadrinhasse a Chica. E foi o que fizemos. Preenchemos a ficha de padrinho que tem no site do Projeto Mucky e

nos tornamos padrinhos dela. Assim continuávamos, mesmo longe, perto dela e mais que isso tínhamos uma atitude coerente de cidadania, responsáveis e conscientes para com a Chica e para com o Projeto Mucky, que foram prontos a nos atender quando procurados por nós.

Como padrinhos, precisávamos fazer doações em dinheiro. Inicialmente cotizávamos entre nós da turma para a arrecadação. Num segundo momento, com a aproximação da festa junina nosso segundo jornal, a **Edição Especial Sagui**, foi vendido pelos alunos da 4ª série. Todos os jornais foram vendidos, recebemos pedidos de encomendas de mais exemplares. Até o fim do ano continuamos a receber cartas contando as novidades sobre a Chica. A última, foi que tinha chegado ao Projeto Mucky um macho da mesma espécie da Chica, um sagui de cara branca e que agora é companheiro dela. O tráfico de animais ainda continua, mas ela não está mais sozinha!

### **6.7. Transformando essa vivência em arte: as diversas formas de expressão**

Durante esse processo de trabalho adquirimos informações, construímos conceitos nos envolvemos emocionalmente e fizemos arte. Realizamos desenhos e pinturas que exprimia nossos sentimentos e nosso envolvimento com a Chica Curumim. Na aula de música, com ajuda do professor especialista, fizemos uma poesia com esse tema. Essa poesia foi musicada. Aprendemos a cantar. É tradição na escola gravar um CD no final do ano com os trabalhos desenvolvidos na aula de música. A música que gravamos foi o resultado desse trabalho coletivo: Sagui. Tivemos a alegria de ouvir a nossa música na cerimônia de nossa formatura do final do ano. Nada mais justo do que termos a Chica presente, de alguma forma, no encerramento do ano. Tivemos a sorte também de ter parte desse trabalho filmado. No ano de 2005 uma profissional de cinema esteve na escola. Nessa ocasião a Chica estava conosco e então tivemos o privilégio de ter parte desse convívio registrado.

### **7. Alguns comentários finais**

Essa é a forma de trabalho que tenho pesquisado e aprendido a desenvolver. A busca e construção desse conhecimento é feita coletivamente por todos os professores e equipe de coordenadores da escola Curumim. Ao

longo do ano expomos em nossas reuniões pedagógicas, os projetos desenvolvidos com nossas turmas, nossas ansiedades, medos e alegrias também. Os professores ouvem e apontam o que estão enxergando que muitas vezes, mergulhados em nossos trabalhos, não vemos. Caminhar coletivamente facilita a trajetória. Buscamos dessa forma, a coerência entre a nossa prática e o nosso discurso.

### **Bibliografia**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

FERREIRA, Gláucia de Melo (org.). **Palavra de professor(a):** tateios e reflexões na prática da pedagogia Freinet. Campinas: Mercado das letras, 2003.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

\_\_\_\_\_. **Para uma escola do povo:** guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. Lisboa: Editorial Presença, 1969.

GHIDOTTI, Vaniza. A autonomia como objetivo do trabalho In: FERREIRA, Gláucia de Melo (org.). **Palavra de professor(a):** tateios e reflexões na prática da pedagogia Freinet. Campinas: Mercado das letras, 2003.

SAMPAIO, Rosa M.W. **Freinet. Evolução histórica e atualidades**. São Paulo: Scipione, 1989.